

## **REFORMAS RELIGIOSAS EM PERSPECTIVA TRANSREGIONAL: FRONTEIRAS COMO LUGARES DE DISPUTA NA EUROPA MODERNA**

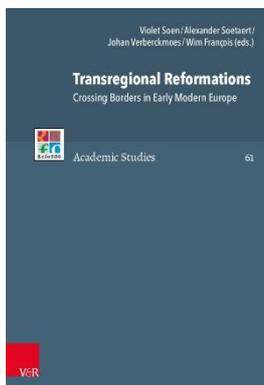
Reformations in Transregional Perspective: Borders as  
Contested Places in the Early Modern Europe

**Mariana Stefanny Moises Duzzi**

 <https://orcid.org/0000-0001-5566-4857>

E-mail: [mariana.duzzi@hotmail.com](mailto:mariana.duzzi@hotmail.com)

<sup>a</sup> Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas,  
Departamento de História, Guarulhos, SP, Brasil



SELDERHUIS, Herman J. *et al.* *Transregional Reformation Crossing Borders in Early Modern Europe*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2019. 378p.

**PALAVRAS-CHAVES:** História transregional. Reformas religiosas. Fronteiras.

**KEYWORDS:** Transregional History. Reformations. Borders.

**P**assados algum tempo do marco comemorativo dos 500 anos das reformas religiosas, momento que anunciou uma série de contribuições e eventos ao redor do mundo, o tema permanece instigando estudiosos da Época Moderna à medida que se configurou, como já apontava Hannah Arendt (2005), como um dos limiares da modernidade. Os trabalhos de Delio Cantimori (1984), Lucien Febvre (1957), Hubert Jedin (1999) foram precursores, a partir da década de 1930, em situar o elemento religioso e cultural das reformas, seguidos de estudos acerca das mentalidades, que encontramos em Jean Delumeau (1967; 1993), do ambiente intelectual e político, pensado por Quentin Skinner (1996) e das práticas de religiosidade popular e vida cotidiana por Stuart Clark (2006) e Natalie Davis (1973; 1990). Esses estudos, longe de abranger a totalidade de trabalhos sobre reformas religiosas, são indicativos da processual transformação pela qual passou o tema ao longo século XX, com implicações que ultrapassam os debates institucionais, perpassando aspectos econômicos, culturais e de poder experienciados na Europa do século XVI (MONTEIRO, 2007, p. 133).

Na década de 1970, a partir do paradigma da Confessionalização proposto por Heinz Schilling (1992) e Wolfgang Reinhard (1998), o tema das reformas foi mais detidamente debatido em meio ao desenvolvimento dos Estados Modernos, com margem para pensá-las em sua interação com as esferas do episcopado, da cidade e, sobretudo, do Estado. Duas décadas depois, a partir de 1990, com os debates impulsionados pela virada espacial, passou-se a questionar a naturalização de fronteiras modernas em estruturas imóveis e não históricas, como demonstram os trabalhos de Tamar Herzog (2003; 2015) e Violet Soen (2020; 2021).<sup>1</sup> Esses novos estudos deram voz às pesquisas que abordam histórias emaranhadas, cruzadas, transregionais, transnacionais e globais. Desde 2000, as reformas religiosas e a Confessionalização foram problematizadas na interação com múltiplas esferas espaciais, gerando pesquisas que destacaram o caráter biconfessional e multiconfessional dos conflitos. O espaço não apareceu mais como um fator neutro ou natural; pelo contrário, ganhou certa agência.

Um desses olhares foi sugerido pelo grupo de pesquisa em História Moderna da Katholieke Universiteit Leuven, Bélgica, em cooperação com acadêmicos estadunidenses, alemães, húngaros e o grupo Refo500 para produção do volume *Transregional Reformations Crossing Borders in Early Modern Europe*, publicado em 2019 pela editora Vandenhoeck & Ruprecht (Göttingen, Alemanha). O exemplar anuncia o âmbito internacional no qual se realiza o debate e apresenta uma coletânea de artigos científicos debatidos durante a quinta conferência anual do RefoRC, realizada na Katholieke Universiteit Leuven, em 2015. *Transregional Reformations* é uma produção que resulta desses debates, ancorado no interesse desses pesquisadores em promover a História Transregional como potencial interpretativo às pesquisas que abordam a era das reformas religiosas.<sup>2</sup>

O volume, editado por Herman Selderhuis (Apeldoorn), Christopher Brown (Boston), Günter Frank (Bretten), Bruce Gordon (New Haven), Barbara Bauer (Bern), Tarald Rasmussen (Oslo), Violet Soen (Leuven), Zsombor Tóth (Budapest), Günther Wassilowsky (Frankfurt) e Siegrid Westphal (Osnabrück), tem 13 capítulos, distribuídos em três partes: Transfer and Exchange, Translation and Transmission e Mobility and Exile, com um total de 378 páginas, que compõe a série da Refo500 Academic Studies (61).

<sup>1</sup> Sobre fronteiras, consultar também os trabalhos de Lucien Febvre (1962), Steven G. Ellis (1995), Daniel Nordman (1998), Isabelle Paresys (1998) e John Gray (2001).

<sup>2</sup> RefoRC (Reformation Research Consortium) é o principal departamento da Refo500, um campo de estudos científicos internacional sobre a era das reformas religiosas e conexões entre modernidade e contemporaneidade. A conferência foi organizada no âmbito do projeto BOF OT / 13/033, financiado pela KU Leuven, promovido por Soen, Verberckmoes e Soetaert.

Os capítulos autorais funcionam como modelos de pesquisa que apresentam o uso do método transregional em escopos diversos sobre o tema das reformas religiosas, problematizando as experiências dos atores históricos a partir das conexões que estabeleceram com objetos, signos e campos confessionais em disputa. Aplica-se a transregionalidade em temas sobre transferências e traduções, debates teológicos, organizações monásticas, iconografias das reformas, exílio e permanência. O recorte geográfico perpassa fronteiras que vão da Escandinávia à Espanha e da Inglaterra à Hungria. O volume busca não somente apresentar, mas convidar pesquisadores, sobretudo da História Moderna e da Religião, a incorporar a História Transregional às suas pesquisas. Trata-se de divulgar o transregional como conceito e método de pesquisa potencial para reinterpretar e decentralizar os debates sobre a era das reformas religiosas e do cristianismo moderno, entre 1450 e 1650.

A origem da História Transregional está ligada à revisão dos estudos de fronteiras e, mais precisamente, ao esforço por compreender o funcionamento das escalas espaciais durante a Época Moderna. Ao incorporar o método transregional, *Transregional Reformations* propõe rever a compreensão das fronteiras modernas para a era das reformas, partindo da crítica de que, por um lado, as fronteiras foram incorporadas na historiografia ligadas à construção do Estado-nação, sem uma distinção conceitual e metodológica clara sobre os usos que os atores históricos fizeram desses espaços no passado e, por outro, mais ligada às produções em História Global a partir dos anos 2000, de que algumas pesquisas enfatizam conexões e transmissões culturais para a Época Moderna (muitas vezes pensado em grandes faixas de território e escalas continentais - transoceânica ou transatlântica), mas incorrem no risco de anular as referências espaciais, produzindo uma história das reformas religiosas sem fronteiras territoriais. (SOEN, et al., 2017, p. 345)

Segundo Alexander Soetaert, a História Transregional agrega os avanços recentes da História Transnacional, Global e Cruzada, sem anular a existência de fronteiras modernas, enfatizando contatos, transferências, trocas, traduções, mobilidades e permanências e, sobretudo, compreendendo o espaço europeu como regiões fragmentadas (em analogia às *matrioskas*), variáveis e em camadas reconhecidas e experienciadas por seus agentes. Argumentam, ainda, que a perspectiva transregional descentraliza a narrativa das reformas religiosas em espaços fixos e pré-definidos, focalizando no modo como os atores históricos fizeram uso das fronteiras em seu próprio tempo. Ao contrário de centrar-se em histórias de príncipes e governos e nas interações entre Igreja e Estado, as reformas religiosas surgem, no volume, como eventos moldados por clérigos e leigos, editores e livreiros, autores e tradutores, estudantes e professores, exilados e refugiados, que cruzam fronteiras regionais (SELDERHUIS *et al.*, 2019, p. 11).

O cruzamento de fronteiras surge, no volume, também como meio de problematizar abordagens que separaram os espaços de experiência das reformas entre centro e periferia. Segundo essa leitura, ainda que se reconheça a existência de uma hierarquia simbólica com rígidos padrões de disciplina centrado nas capitais, observa-se, ao mesmo tempo, a pulverização de ideias, panfletos, gravuras, traduções, pessoas e objetos que circularam para além de seus territórios confessionais. Argumenta-se, assim, que a distinção entre centro e periferia tem pouco efeito para compreender as dinâmicas político-religiosas da primeira modernidade. Como resultado, o método transregional não somente tem o potencial de valorizar as margens, as regiões de fronteira e os entre lugares ao lado de centros e capitais, como também propõe uma interpretação existente, porém nem tanto explorada, sobre as reformas religiosas como conflitos bi/multiconfessionais (SELDERHUIS *et al.*, 2019, p. 18).

A primeira parte do volume, *Transfer and Exchange*, com quatro capítulos, destaca como o desenrolar dos conflitos religiosos demandou que as partes interessadas realizassem trocas e transferências transregionais para além dos limites urbanos. A ênfase está em como a circulação de pessoas produziu orientações confessionais plurais, como no primeiro capítulo, *The Rhineland and the Huguenots: Transregional Confessional Relations During the French Wars of Religion*, escrito por Jonas van Tol, que aborda o envolvimento de príncipes protestantes da Renânia nas guerras de religião na França. Para o autor, os debates sobre o apoio aos huguenotes balizaram tanto pontos *adiaphoricos* entre luteranismo e protestantismo reformado, especialmente após a conversão do palatinado Friedrich III ao calvinismo e seu apoio aos huguenotes, como a circulação de notícias, rumores e propaganda francesas na fronteira entre Renânia e França, capaz de moldar a opinião de aristocratas militares.

O segundo capítulo, *Localizing a Transregional Catholic Reformation: How Spanish and Italian Orders Became French*, escrito por Barbara Diefendort, aborda a circulação de pessoas na perspectiva da adaptação local e confessional. Pensando as consequências imediatas das guerras de religião francesas, Diefendort argumenta que os sentimentos anti-italianos e anti-espanhóis na França levaram à busca pela renovação católica, fomentada por Capuchinhos e Carmelitas que eram majoritariamente frades e freiras italianos e espanhóis. Pensando a lógica da adaptação como escolhas conscientes de aceitação e resistência, a autora sugere que a tensão entre religiosos italianos, espanhóis e franceses contribuiu para que capuchinhos e carmelitas, que viviam em mosteiros na França, se desviassem dos modelos fundadores de suas regiões e se tornassem católicos franceses. Essas trocas transregionais teriam sido centrais à construção do catolicismo francês do século XVII.

O terceiro e o quarto capítulos da sessão enfatizam a circulação de ideias impulsionadas pelos debates teológicos durante as reformas. Em *Crossing Boundaries: The Reception of Reformed Doctrines in Spain During the Reign of Emperor Charles V*, Michel Boeglin estuda a circulação de valores luteranos e reformados entre as elites espanholas católicas, na primeira metade do século XVI. Os humanistas Juan de Valdés e Constantino de la Fuente, descendentes de judeus e moldados no humanismo erasmiano, desenvolveram e se apropriaram da teologia alemã dentro do contexto espanhol católico, produzindo obras que enfatizassem pontos em comum entre o catolicismo e os reformados. Para Boeglin, tratam-se de texto que, embora inspirados em pontos dogmáticos de Lutero e Melancton, buscavam sanar as divisões religiosas, sendo possível compreendê-los como parte de um projeto de unidade europeia.

Em *Why Departed Souls Cannot Return: Transregional Migration of a Reformation Idea in the Sixteenth Century*, Gábor Ittész discorre sobre um debate específico das reformas: se as almas que partiram poderiam retornar visivelmente aos sentidos do homem. Essa ideia foi desenvolvida em manuscritos de teólogos luteranos, como Philip Melancthon e Melchior Specker, e debatida em círculos protestantes mais amplos, no século XVI. Para o autor, a circulação, impressão e apropriação dos textos, especialmente em regiões luteranas e fronteiriças do Sacro Império, popularizou os debates sobre o estado pós-morte da alma em literaturas e debates teológicos mais amplos. Wittenberg e Leipzig foram centros de publicação das obras, muitas das quais apareceram nas margens dos territórios luteranos e ultrapassaram as fronteiras do Sacro Império.

A ênfase em livros e traduções como vetores de mobilidade foi tema dos quatro capítulos que compõem a segunda parte do volume, *Translation and Transmission*. Essa sessão explora as transferências culturais resultantes dos usos da imprensa para a história das reformas religiosas. São abordadas as movimentações de imagens, textos e traduções que moldaram as estruturas da vida confessional nos territórios europeus, como

demonstram os dois primeiros capítulos, que compartilharam o mesmo corpus documental. Em *Religious Ventriloquism: Translation, Cultural Exchange and the English Counter-Reformation*, Alexandra Walsham discute como traduções inglesas de textos católicos, publicadas em Leuven, Douai e Saint-Omer no século XVI, moldaram o confessionalismo católico nas Ilhas Britânicas. As Edições de Richard Hopkins e Stephen Brinkley, a partir de textos de Luís de Granada, Gaspar Loarte e François de Sales, são compreendidas como emblemas de caráter transregional do catolicismo inglês, ao passo que foram impressas no continente, chegaram até às ilhas britânicas, moldaram a moral católica e auxiliaram no combate à heresia protestante. A difusão dessas traduções não se restringiu às comunidades católicas inglesas, mas alcançou círculos protestantes, permitindo problematizar a insularidade e o particularismo inglês nos estudos sobre a reforma na Inglaterra.

Em *Transferring Catholic Literature to the British Isles: The Publication of English Translations in the Ecclesiastical Province of Cambrai (c. 1600–50)*, Alexander Soetaert problematiza como a mobilidade geográfica de tradutores católicos de língua inglesa moldou a produção da literatura religiosa na Província Eclesiástica de Cambrai, importante centro editorial nos Países Baixos Habsburgo que, por sua característica fronteiriça, imprimia textos e traduções em línguas vernáculas distintas, predominantemente o francês e o inglês. Para o autor, essa região foi um elo de intercâmbios transregionais, onde traduções francesas inspiraram traduções inglesas. Essa característica aglutinou círculos de tradutores católicos interessados em levar, às Ilhas Britânicas, os debates devocionais produzidos no âmbito do catolicismo continental. Mais do que insulares, esses intercâmbios informam um fenômeno de impressões religiosas com alcance geográfico mais amplo.

Ao pensar a recepção do puritanismo no Leste Europeu, o terceiro capítulo, “*What do you Read my Lord? Words, Words, Words...: A Case Study on Translations and Cultural Transfers in Early Modern Eastern Europe*”, escrito por Zsombor Tóth, apresenta a circulação de traduções de textos puritanos ingleses na Hungria e Transilvânia. Tóth concentra-se no caso de István Matkó, um erudito húngaro que baseou seu puritanismo na tradição inglesa e em influências locais. Utilizando-se do latim como língua intermediária, Matkó traduziu dois textos do inglês, cujas referências teóricas remetem ao puritano Downname. O autor argumenta que as traduções permitiram criar uma tradição literária puritana húngara, num contexto em que tradutores como Matkó criaram edições pensadas às necessidades de um leitor implícito ou para seus próprios objetivos.

No capítulo que fecha a sessão, *Printed Images Borders: An Allegory of the Catholic Church and its Dissemination in Late Sixteenth-Century Europe*, Grażyna Jurkowlaniec mapeia a circulação de *Typus Ecclesiae Catholicae*, uma iconografia da Igreja Católica que se originou em Várnia, Prússia, em 1557, a partir de referências iconográficas das edições germânicas e latinas do Catecismo de Michael Heding (1550). *Typus Ecclesiae Catholicae* se difundiu pela Europa a mando do cardeal polonês, Stanislaus Hosius, que teria impresso cópias na Itália e enviado à aristocratas e líderes religiosos em toda Europa. A partir da década de 1570, iconografias semelhantes à *Typus Ecclesiae* apareceram em Roma, por Giovanni Battista de Cavalieri, e Veneza, por Luca Bertelli. Essas gravuras tornaram-se veículos de divulgação religiosa católica, que circularam em Paris, Hildesheim, Utrecht, Stans e Silésia. A circulação de *Typus Ecclesiae*, como abordada no capítulo, fornece elementos para pensar uma transregionalidade confessional católica. Na terceira e última parte do volume, *Mobility and Exile*, com cinco capítulos, são discutidas as experiências do exílio e da permanência como auxiliares de estruturas mentais e confessionais plurais. Trata-se de problematizar o espaço como produtor dos valores da reforma e o cruzamento de fronteiras como mediadores dessa experiência. Em *Boundaries Transcended: Student Mobility, Clerical Marriage and Translations in the Life of the Swedish Reformer Olaus Petri*,

Kajsa Brillkman defende o início da reforma no Reino da Suécia como resultado direto da travessia de fronteiras territoriais e mentais do clérigo sueco, Olaus Petri, um ex-aluno de Wittenberg que rompeu com a Igreja Católica em 1525, casando-se performativamente e publicando textos em defesa do matrimônio de clérigos. Brillkman demonstra que o reformador se envolveu com diferentes metodologias de propagação da reforma ao cruzar as fronteiras do Sacro Império, no contato com a literatura reformada e com a publicação de impressos em Estocolmo, adaptando e ressignificando o luteranismo a partir de suas necessidades locais na Suécia.

No segundo capítulo, *Containing Students and Scholars Within Borders? The Foundation of Universities in Reims and Douai and Transregional Transfers in Early Modern Catholicism*, Violet Soen aborda as dinâmicas transregionais das reformas religiosas a partir de duas universidades de fronteira: uma na França de Reims e outra em Habsburgo Douai, ambas fundadas no século XVI e alinhadas ao confessionalismo católico. Segundo Soen, as guerras de religião demandaram que essas universidades criassem rotas de intercâmbio e comunicação, muitas das quais foram utilizadas por estudantes exilados de outras localidades. Consequentemente, estudantes refugiados comumente frequentavam ambas instituições, gerando solidariedade transfronteiriça entre as elites católicas. Soen destaca que as universidades de fronteira importavam redes de transferência acadêmica que ajudaram a criar um catolicismo transregional na fronteira Franco-Habsburgo. Em *“Even if Fire were Lighted”: Jan Hus and the Decision to Flee or Remain*, Timothy Orr retoma o caso de Jan Hus, problematizando a escolha do reformador tcheco em permanecer em sua comunidade. Jan Hus fez críticas ao papado e às indulgências e, em 1412, foi excomungado e acusado de heresia. Segundo o autor, a escolha de Hus por participar do Concílio de Constança, em 1415, revela sua decisão de permanecer fiel às origens boêmias e afirmar sua posição como membro de suas comunidades religiosas, cívicas e nacionais. Os dois capítulos que fecham o volume, retomam a experiência do exílio no contexto dos conflitos religiosos, o primeiro enfatizando como os banimentos podem ter moldado espiritualidades anticonfessionais e o segundo situando alguns dos limites concretos da migração. Em *‘Exile Theology’ Beyond Confessional Boundaries: The Example of Dirck Volckertsz. Coornhert*, Johannes Muller argumenta que as experiências de perseguição e dispersão desempenharam papel significativo na formação teológica daqueles que rejeitaram o confessionalismo de sua época, como Dirck Volckertsz Coornhert, um conhecido impressor e escritor dos Países Baixos, cujas opiniões heterodoxas foram moldadas por sucessivos períodos de expulsão e exílio. Segundo Müller, o cruzamento forçado de fronteiras transformou Coornhert em um cristão anticonfessional que, mesmo sem romper com a Igreja Católica, criticou as divisões religiosas e desenvolveu um espiritualismo cristão particular. O caso Coornhert aponta os limites de pensar a experiência do exílio apenas como radicalização confessional.

Por fim, em *Language Barriers to Confessional Migration: Reformed Ministers from the Palatinate in the East of the Netherlands (1578)*, Christiaan Ravensbergen reconstrói a migração de ministros reformados do Palatinado para Guelders, província dos Países Baixos fronteira com o Sacro Império, problematizando como as diferenças de linguagem foi um obstáculo à migração confessional. O autor argumenta que a saída forçada de professores e ministros reformados, após a morte do Palatino Friedrich III, em 1576, despertou o interesse de reformadores em Guelders que, buscando disseminar a reforma no interior da província, atraíram alguns dos exilados para o território. Para o autor, a diferença de idioma foi um problema para essa migração confessional, uma vez que muitos reformadores alemães tiveram limitações em se comunicar com suas novas comunidades holandesas.

O volume cumpre com a proposta de apresentar uma perspectiva transregional das reformas religiosas, ainda que sua estrutura fractal desarticule parcialmente o curso do debate. A maior qualidade do trabalho é, sem dúvidas, sua precisão metodológica, que evidencia bem as pretensões de pesquisa, os objetos de estudo e as contribuições da História Transregional para os estudos sobre as reformas. Por outro lado, apresenta o método transregional a partir de uma revisão historiográfica muito específica sobre fronteiras europeias da Época Moderna, sem detalhar, contudo, a aplicabilidade dessa proposta para outras zonas e territórios. Ainda assim, consideramos que o volume tem potencial para auxiliar pesquisas futuras em estudos globais e, sobretudo, situar o debate sobre deslocamentos espaciais que encontramos no âmbito da História Global, Transnacional, Transregional e Cruzadas, à medida que esclarece parte das lacunas metodológicas que são frequentemente apontadas como crítica a esses campos de pesquisa.

As discussões se inserem numa gama de debates e revisionismos recentes sobre os espaços de conflito moderno, que situam as limitações heurísticas de pensar as reformas religiosas a partir de categorias espaciais fixas, preestabelecidas, independentes e, muitas vezes, não históricas. Os pesquisadores que contribuíram com o volume não predefiniram a escala espacial de suas pesquisas, em vez disso, se concentraram no corpus documental, buscando elementos que se moviam ao longo, entre e além de fronteiras. Apresentaram, nesse sentido, a ação de atores, objetos e signos históricos de forma emaranhada, conectada, multiespacial, e evidenciaram um olhar mais plural sobre o tema da Confessionalização, apontando os limites de uma interpretação dos confessionalismos separado em ambientes católicos e protestantes.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A Condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- CANTIMORI, Delio. *Humanismo y religions in el Renacimiento*. Barcelona: Península, 1984.
- CLARK, Stuart. *Pensando com os demônios*. São Paulo: Edusp, 2006.
- DAVIS, Natalie Z. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.
- DAVIS, Natalie Z. The Rites of violence: religious riot in Sixteenth-Century France. *Past & Present*, n. 59, p. 51-91, 1973.
- DELUMEAU, Jean. *La Reforma*. Barcelona: Labor, 1967.
- ELLIS, Steven G. *Tudor Frontiers and Noble Power: The Making of the British State*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- FEBVRE, Lucien. *Au Coeur religieux du XVIe siècle*. Paris: Sevpen, 1957.
- FEBVRE, Lucien. Frontières. Le mot et la notion. In: FEBVRE, Lucien. *Pour une histoire à part entière*. Paris: Lucien Febvre, 1962. p. 11-24.
- HERZOG, Tamar. *Defining Nations: Immigrants and Citizens in Early Modern Spain and Spanish America*. New Haven: Yale University Press, 2003.

HERZOG, Tamar. *Frontiers of Possession. Spain and Portugal in Europe and the Americas*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

JEDIN, Humbert. Catholic Reformation or Counter-Reformation? In: LUEBKE, David M. (org.) *The Counter-Reformation*. Oxford: Blackwell, 1999. p.19-46.

LIEBEL, Silvia. Abrir janelas nas almas dos homens: notas historiográficas nos 500 anos da Reforma Protestante. *História Unisinos*, v. 24, n. 3, p. 418-431, 2020.

MONTEIRO, Rodrigo B. As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico. *Varia História*, v. 23, n. 37, p. 130-150, 2007.

NORDMAN, Daniel. *Frontières de France*. Paris: Gallimard, 1998.

PARESYS, Isabelle. *Aux marges du royaume*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 1998.

REINHARD, Wolfgang. *Papauté, confessions, modernité*. Paris: EHESS, 1998.

SCHILLING, Heinz. Confessionalization in the Empire: religious and societal change in Germany between 1555-1620. In: OBERMAN, Heiko A. (org.) *Religion, political culture and the emergence of Early Modern society*. New York: E. J. Brill, 1992. p. 205-247.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

SOEN, Violet *et al.* How to do Transregional History: A Concept, Method and Tool for Early Modern Border Research. *Journal of Early Modern History*, p. 343-364, 2017.

SOEN, Violet. *Transregional Territories: Crossing Borders in the Early Modern Low Countries and Beyond*. Leiden: Brepols, 2020.

## NOTAS DE AUTOR

---

### AUTORIA

**Mariana Stefanny Moises Duzzi:** Licenciatura em História. Mestranda em História, Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Guarulhos, SP, Brasil

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Estrada do Caminho Velho, 745. CEP: 07252-312, Guarulhos, SP, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Não se aplica

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** DUZZI, Mariana S. M.

**Coleta de dados:** DUZZI, Mariana S. M

**Análise de dados:** DUZZI, Mariana S. M



**Discussão dos resultados:** DUZZI, Mariana S. M

**Revisão e aprovação:** DUZZI, Mariana S. M

#### **FINANCIAMENTO**

Bolsa de pesquisa financiada pela CAPES, projeto nº88887.703040/2022-00

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica

#### **PREPRINT**

O artigo não é um preprint

#### **LICENÇA DE USO**

© Mariana Stefanny Moises Duzzi. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra

#### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade

#### **EDITORES**

Beatriz Mamigonian

Jo Klanovicz

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 12 de março de 2022

Aprovado em: 3 de outubro de 2022

Como citar: DUZZI, Mariana S. M. História do fascismo ao populismo: uma abordagem transnacional do fenômeno. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 164-172, jan./abr. 2023. [Seção] Resenha. Resenha da obra: SELDERHUIS, Herman J. *et al.* *Transregional Reformation Crossing Borders in Early Modern Europe*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2019. 378p.

